



O MEU LUGAR: IMAGENS, SABERES E VIVÊNCIAS

Helena Pinheiro Dantas

helenadantas.geo@gmail.com

Lucas Correa Santoro

lucas.santoro@gmail.com

Fabio Soares Queiroz

fabiosoaresqueiroz@id.uff.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar o processo de identificação com o espaço vivido pelos alunos do Colégio Pedro II - Campus Niterói, não se prendendo somente à instituição mas sim aos locais de toda a cidade que fazem parte do cotidiano dos estudantes e contribuem na formação de social e individual de cada um. Para tanto, partiremos da seguinte questão: quais os diferentes perfis de alunos que estudam na instituição Pedro II e quais são as diferentes realidades sociais, geográficas e culturais existentes? Será apresentado imagens dos mais diferentes lugares, sempre com a ideia de pertencimento ao espaço, e com isso podemos abordar diversas temáticas tais como Religião, Instituição de ensino, classes sociais, a história do espaço, fatores de atração ao espaço e pertencimento. Dentro disso, a partir das histórias que nos é contada através de fotografias, e principalmente, do olhar e das perspectivas dos discentes, pretendemos entender como nossas trajetórias nos constrói, e como a concomitância dessas linhas temporais materializadas no espaço formam uma geografia única e que pretendemos desenvolver em conjunto.

Palavras-chave: saberes da sala de aula, lugares, espaço vivido

Introdução

Tanto a faculdade como a escola são espaço que unem a teoria e a prática, uma precisa da outra para o que haja o que chamamos de ensino. Mais que isso, a escola é o lugar da diferença, da troca e da construção. Não se pode simplesmente transpor a geografia da academia para as salas de aula, são conhecimentos distintos, pois retratam diferentes usos, olhares e percepções. É preciso trazer a geografia que contemple a realidade e as vivências dos alunos, a geografia sentida e experienciada por eles, sem isso, não há construção de conhecimento, e na era da tecnologia, atrelada a sua velocidade e liquidez, a escola precisa ser

mais do que uma simples transmissora de informações. Retirar da escola o papel de educadora e formadora contribui com discursos a respeito da educação a distância e notório saber. Nesse aspecto, é mais que necessário que haja um diálogo entre a geografia dos livros e a geografia experienciada pelos discentes, e é nesse espaço, com uma rica simultaneidade de trajetórias, opiniões e realidades, que torna a escola um ambiente tão propício a pesquisa e a aprendizagem. Dentro disso, o ato de ouvir se torna tão importante quanto o de falar. São esses conjuntos singulares de experiências, com suas ordens e acasos que constroem os saberes da sala de aula. Através da linha pós colonial pretendemos demonstrar a heterogeneidade e pluralidade dos espaços, suas dificuldades e potencialidades, e trazer uma reflexão sobre a construção espacial. Por quem o espaço é feito? Para quem o espaço é feito?

Metodologia

Muitas vezes as fotografias captam mais do que os olhos de quem as tira. Elas atravessam as barreiras temporais e alcançam a multiplicidade de olhares, que carregam em si as percepções culturais, simbólicas e conceituais únicas de cada indivíduo. É uma forma de capturar o olhar de alguém, e transformá-lo para que ele possa ver além de suas próprias concepções.

Pedimos aos alunos do Colégio Pedro II que nos mandassem fotos, e a partir de uma breve discussão sobre o conceito de lugar para a geografia, que eles compartilhassem conosco a sua visão de lugar e que espaço para eles representam um lugar dentro de sua vivência sobre o espaço, juntamente com uma pequena descrição e reflexão sobre sua escolha. A ajuda dos alunos foi primordial para a realização deste trabalho. Muito solícitos, os alunos nos enviaram suas fotos, cheias de significados, compartilhando carinhosamente conosco os seus LUGARES. Mas é importante destacar que nem todas as fotos vieram com as narrativas elaboradas, cabendo a nós, autores do presente trabalho, desvendar e refletir sobre o que aquelas imagens poderiam nos dizer. Foi um trabalho instigante, mas prazeroso. Importante ressaltar, também, que os rostos e os nomes dos alunos foram resguardados por uma questão de privacidade.

Dentro disso, buscamos utilizar palavras como “afetividade” e “pertencimento” para se estabelecer o sentido de lugar que pretendemos explorar, mas para além dos livros acadêmicos



e dos grandes autores conceituados da geografia, encontramos uma música que, para nós, descreve melhor a nossa concepção e olhar sobre o lugar, e, despretensiosamente, trazia talvez sem querer ou saber, uma transposição didática desses artigos e livros. A música “O meu lugar”, composta por Arlindo Cruz e Mauro Diniz e interpretada pelo grandioso Arlindo Cruz, cujo um trecho é exposto abaixo.

“O meu lugar

É cercado de luta e suor

Esperança num mundo melhor

E cerveja pra comemorar (...)

O meu lugar

É sorriso é paz e prazer

O seu nome é doce dizer

Madureira, lá laiá”



O olhar geográfico e a geografia por trás do olhar

Enquanto a história é a ciência que trabalha a subjetividade das linhas temporais, a geografia capta a essência das interposições dessas linhas dentro do recorte espacial. Sem a geografia é impossível compreender as nuances e entrelinhas deste mundo confuso e confusamente percebido (Milton Santos- ver o ano), um mundo efervescente e dinâmico, onde essas linhas mais do que se cruzam, elas se transformam e se constroem concomitantemente. É essa pluralidade democrática de trajetórias que constituem o espaço. Isso porque o espaço não é apenas delimitado por um recorte físico, ele é a materialização desses caminhos que percorremos e nos molda. O espaço é feito por pessoas e para pessoas, e isso elucida a importância da inclusão e da cooperação, de ouvir não só aquilo que converge com nossas ideologias e visões de mundo. Dentro de uma escola tradicional e expositiva, as diferenças atrapalham a lógica vigente, elas interferem diretamente na ordem e no modelo, e por isso o modelo de inclusão ao qual foram obrigadas a trabalhar não funcionam. A diferença é vista com um olhar paternalista de alguém que tolera e aceita, nunca de um ser ativo capaz de construir e corroborar. Englobamos aqui, não só as diferenças visíveis, mas também diferenças culturais, sociais e tudo aquilo que não se encaixa na dita “maioria”.

Olhares e Histórias

Foto 1: Minha Crença



A religião se mostra como parte fundamental da vida de muitas pessoas e da sociedade como um todo, não diferentemente ela se reproduz no ambiente escolar. O Brasil através de sua formação sócio-espacial carrega consigo uma população miscigenada e de múltiplas origens: a população nativa, os imigrantes que aqui se estabeleceram e os povos africanos que foram escravizados e que para cá foram trazidos. Esses últimos em específico trouxeram uma cultura muito rica mas por toda a construção da sociedade brasileira se configurou como uma cultura marginalizada e renegada. Isso se expande para a religião.

O aluno que voluntariou-se, enviou uma foto em que ele se encontra num lugar que remete a sua religião, uma religião de matriz africana, onde ele se utiliza de uma veste e ornamentos que a ela referenciam, além de estar rodeado por figuras religiosas que constituem e afirmam a religiosidade.

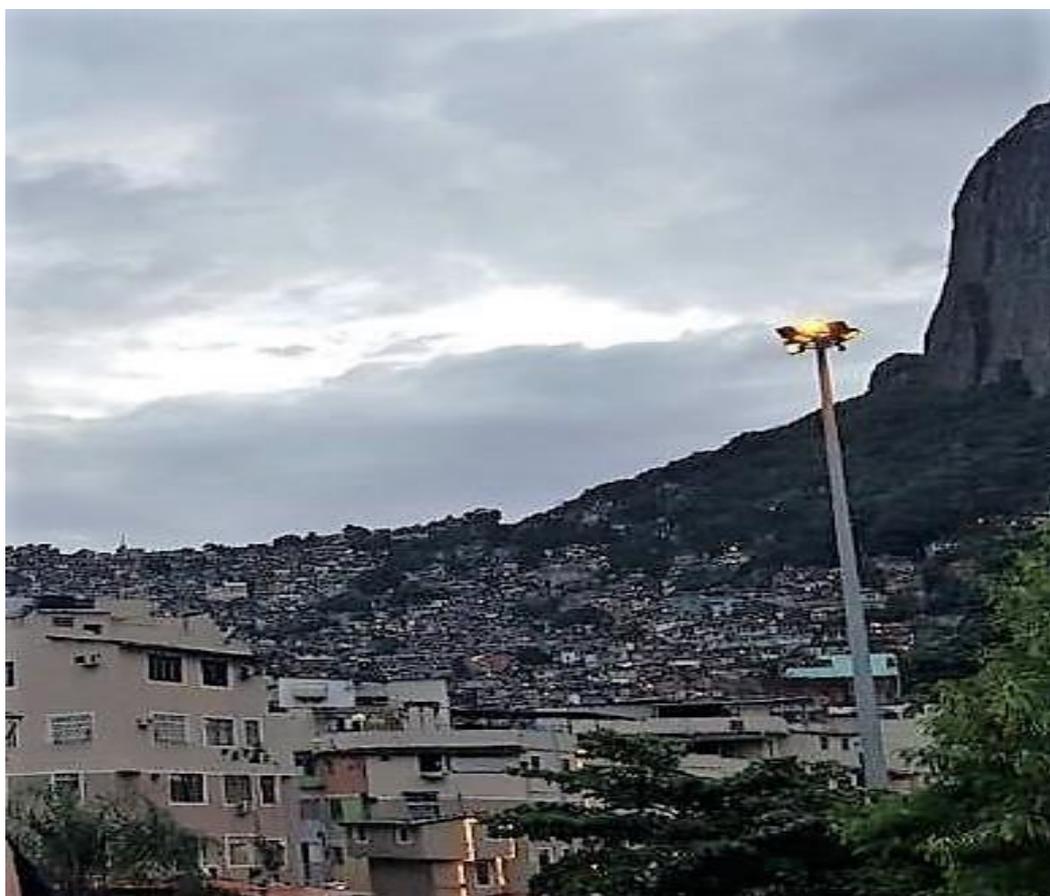
A possibilidade de troca que a escola proporciona é algo fundamental, e numa instituição como o Colégio Pedro II, onde se encontram alunos das mais diferentes classes, origens, localidades e também religiões isso se intensifica. O aluno em questão possui uma referencial religioso vindo do candomblé mas suas amizades com pessoas fora de seu ciclo são estreitas, inclusive sendo destacado a relação com alunos evangélicos. Conseqüentemente isso gera uma situação de convivência com o diferente, em que um se afirma em relação ao outro,

cada qual com sua singularidade, interagindo e ampliando sua visão de mundo, quebrando preconceitos e barreiras, descobrindo o novo, descobrindo o outro.

Contrapondo-se a ideia do movimento Escola Sem Partido, a escola se mostra como um local fundamental para a abertura de discussões e que abrace toda a pujança cultural e a pluralidade intrínseca aos alunos. A escola é local de debate, de lutas, de política e de identidades. Dentro dessa reflexão a Geografia se faz presente. A partir dos diversos campos em que a Geografia estuda, no caso em questão sua vertente mais humanista, inúmeras questionamentos são possibilitados dentro da questão religiosa e portanto ajudar o aluno a compreender o lugar e contexto que ele está inserido.

No caso das religiões de matriz afro-brasileira, o quão importante é entender a diáspora africana, a origem, sua relação com o espaço, afinal dentro da mitologia dessas religiões o culto a natureza ocorre a todo instante através da figura dos orixás.

Foto 2: Favela da Rocinha



Na sala de aula, sobretudo em alguma atividade pedagógica que debata o conceito, muitas visões de mundo e sobre “seu lugar no mundo” vão ser apresentadas pelos alunos. Mesmo que o lugar se apresente, aparentemente, de forma homogênea se levarmos em consideração o perfil socioeconômico da escola, as visões sobre o Lugar serão distintas, uma vez que entram em jogo também o papel que tem na sociedade: a mulher, o homem, o jovem, o branco, o negro, o Lgbt, etc. Se a escola for, como no caso do Colégio Pedro II Niterói, palco de realidades tão distintas, o desafio pode surpreender.

Foi assim que surgiu uma situação peculiar na elaboração deste artigo. Uma das alunas, que preferiu não se identificar, colaborou com o envio de uma foto do lugar que mais gosta/representa, a favela. Isso nos levou a refletir, pois a jovem é de uma família de classe média de Itaboraí, Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) e ao longo de sua vida não teve qualquer tipo de vínculo direto com a favela. Então, como explicar sua relação com um lugar tão distante geograficamente e socialmente?

Quando o lugar não é exatamente aquele em que o sujeito cresceu ou foi estimulado a criar vínculos afetivos, este pode escolher? Como explicar quando o lugar escolhido pelo indivíduo para lhe representar for aquele historicamente marginalizado e excluído da sociedade? Para explicar essas questões, buscamos nas bases das correntes do pensamento geográfico o que o conceito de Lugar nos diz ao longo do tempo, e ainda buscamos analisar como se formaram as favelas dentro do contexto histórico urbano da cidade do Rio de Janeiro e, sobretudo, como foi produzida a imagem estigmatizada da favela e como esta é excluída da dinâmica da cidade.

Para início desta reflexão, precisamos, antes de tudo, saber o que é a favela, o que ela representa no imaginário da sociedade atual e o que ela representa dentro do contexto da evolução urbana do Rio de Janeiro. Neste sentido, poderemos refletir sobre uma questão importante e imediata no contexto da foto: afinal, porque uma jovem, mulher, de classe média, na favela, é tão polêmico? Porque suscita debates? Assim, a investigação foi saber como foi criada a cultura do medo em torno das favelas.

Assim, voltemos brevemente à história das primeiras favelas do Rio de Janeiro, ainda no século XIX, resultado de uma crise habitacional em meio às transformações urbanas que



passava a cidade. O que se projetava, aos moldes de cidades Européias, era uma cidade altamente excludente. Foram expulsos do centro os mais pobres, muitos ex-escrav[izad]os e suas famílias, que se espremiavam em pequenos cômodos de antigos casarões e palacetes do período colonial, chamados de cortiços, demolidos sob a desculpa de serem insalubres, dando lugar a novas ruas e prédios. Os pobres removidos subiram os morros e com as madeiras recolhidas dos entulhos construíram seus casebres e ali se instalaram. E assim se desenvolveram os primeiros morros, como o Morro da Favela¹ e outras no centro, na zona sul e zona norte. A situação começou a se agravar a partir dos anos 30 e 40, quando o Rio de Janeiro passa a ser centro de intensas migrações, muitos vindos do Nordeste, em busca de emprego.

A partir daí, uma guerra se instituiu entre os governos municipais, estaduais e federais contra as favelas. E um estigma vai tomando conta do imaginário social contra a favela. Sempre aliados ao preconceito racial e social, as favelas e favelados começam a ser vistos como baderneiros, vagabundos e desorganizados. Os aparelhos do estado sempre foram negados, exceto a Polícia, responsável pela repressão aos moradores. Já década de 1980, com o florescimento das organizações criminosas, instaladas nas favelas justamente na ausência do estado, a favela passa a figurar definitivamente na cartografia do medo da cidade. E responsabilizada, injustamente, pela insegurança na cidade.

Mas se por um lado a favela foi alvo de discursos que buscam deslegitimar sua existência física na paisagem, por outro, ela se impôs perante a cidade como polo de cultura e sob forma de resistência. Neste sentido, a favela constituiu uma existência corpórea e uma existência que se relacionou com a cidade e com mundo globalizado. Milton Santos nos diz que através do estabelecimento do meio técnico-científico-informacional, o lugar surge como uma combinação particular dos modos de produção, reflete a divisão do trabalho e que na ordem local/global cada lugar se superpõem num processo em que tanto se associam quanto se contrariam. Na mesma linha Doreen Massey, geógrafa e cientista social, também enfatiza que a especificidade do lugar é algo que está sempre em constante disputa de forças e que pode servir como uma base de resistência contra as injustiças geradas pelo capitalismo neoliberal.

¹ Atualmente é conhecido como morro da Providência. A história desta favela está relacionada, também, aos ex-combatentes da Guerra de Canudos que ali se instalaram a espera da prometida moradia.

Desde o samba e a ressignificação do carnaval com as escolas de samba no século passado, e, atualmente, o funk [dentre outras várias formas de arte produzidas nas favelas], a expressão da favela foi e vem sendo reprimido, mas fazendo valer com bravura o seu valor, tornando-se a figura central da identidade nacional. A própria arte, digamos, “formal”, ou seja, aquela produzida e reconhecida como tal pela classe dominante, foi reconhecendo e direcionando seus olhares para a efervescência cultural das favelas. Já nos anos 1920, a favela começa a ser representada em poemas, como por exemplo de Oswald de Andrade e em pinturas de Tarsila do Amaral e Cândido Portinari. A obra de Hélio Oiticica também é fortemente influenciada pela sua experiência no morro da Mangueira. O cinema, tem na favela o palco de grandes sucessos de crítica, como 5 vezes Favela, Cidade de Deus (2002), indicado 4 vezes ao Oscar e Tropa de Elite. E como deve ser duro para as classes dominantes ter a cultura do morro a identidade desta nação.

Deste modo pensamos como a favela se apresentou como resistência e se reafirmando dentro da cidade através da arte. Símbolos Nacionais produzidos na favela foram e são absorvidos pela cidade, mesmo que a base de muita luta. Portanto, a favela ainda é vista como polo de experiências atrativas.

A corrente Humanista pode nos fornecer arcabouço conceitual para entender esta questão, pois esta fundamenta-se nas filosofias do significado, principalmente, na fenomenologia e no existencialismo. Propõe uma análise do lugar como mundo das experiências intersubjetivas dos indivíduos, fundamental para entender os sentimentos espaciais, do simbolismo e do apego pelo lugar. Edward Relph nos apresenta o lugar como sendo “fonte existencial de autoconhecimento e responsabilidade social” (RELPH, 1979, p.6) e Milton Santos, geógrafo crítico, considera que o lugar é “globalmente ativo” e que “mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo obtida através do lugar” (SANTOS, 2012, p.161-162).

Por tanto, o que se tentou neste momento do artigo não foi a romantização da favela, pois temos o mínimo de ciência do modo de vida, muitas vezes adverso, que lá encontramos. Mas tentamos identificar os motivos que levam o jovem que goza do privilégio de ir vir, de viver a cidade em todas as suas contradições, sendo capaz de ser um geógrafo de si mesmo,



atraído, conscientemente ou não, por experienciar uma nova cidade, desatando nós e constituindo novos laços com o favela, reconhecendo seus valores através da música, do cinema, dos grafismos, da política, etc.

Foto 3: Colégio Pedro II

“Aquele palco improvável, tão exposto para o resto do colégio e tão simples no nosso intervalo, ganha e ganhou um significado muito grande para mim nessa trajetória final. Ali aconteceu o Paralelo Transversado de dezembro de 2018, sobre o terceirão, onde cada aluno pôde fazer uma apresentação artística (poesia, música, dança) para e/ou com sua turma. Neste momento esse lugar se tornou meu, nosso, mesmo que estivesse tão esquecido no dia-a-dia. Ali, todo enfeitado por nós, alunos, o colégio e a turma ganharam um carinho meu ainda maior por esse momento tão especial. Um pequeno palco para nós, que nos sentimos gigantes quando estamos lá.”

A foto nos trouxe a concepção, trazida pela aluna do espaço escolar, como uma espaço de pertencimento e apego, nem sempre percebidos no dia-a-dia. Dentre todas as opções de lugares que poderiam ser escolhidos, foi justamente este espaço que foi escolhido como significante para a sua vida e sua trajetória. Nesse aspecto, sua pequena descrição pela escolha

da foto não se dá apenas pela sua localização, mas percebemos também a importância dos recortes temporais que ocorrem na escola.

Dentro de seu relato se percebe a representação de uma ideia de um lugar temporal, onde em alguns períodos de tempo eles experienciam de forma positiva a escola. Eram os



momentos de convivência, de troca e de construção que deram a esse recorte espacial características significativas para que o chamassem de lugar, porque é nesses espaços é onde se cria, reinventa e significa a escola.

O depoimento da aluna nos traz a ideia do espaço como fluido, mutável, impregnado de sentimentos e significados que mudam de acordo com o tempo e com o olhar. De acordo com as categorias de análise propostas por Milton Santos, uma mesma forma pode ter diferentes estruturas e funções, dando uma característica plástica aos lugares, que podem ser moldados de acordo com a percepção de cada aluno. Um espaço que vira um lugar, e por sua vez, vira memória e que de alguma forma nos constrói como indivíduo e como sociedade. Com esse trabalho pretendemos salientar para os alunos, e para nós mesmos, a importância do lugar na nossa construção, e na troca intermitente que desenvolvemos com este.



Conclusão:

Neste trabalho, foi possível identificar como a geografia está presente na nossa vida, e como é importante estimularmos os olhares críticos dos alunos a respeito dos espaços que eles circundam. Dentro dessa temática, que visava a princípio trabalhar com o conceito de espaço geográfico e lugar dentro da geografia, conseguimos tratar de temas como acesso a cidade, pluralidade cultural e religiosa, urbanização, movimentos migratórios, categorias de análise do espaço e por fim, nossas ligações e laços com os lugares, mostrando a insurgência desses temas nas próprias experiências dos alunos. Não conseguimos transpor neste artigo todas as fotografias que nos foram recebidas, é impossível analisar as vivências e as realidade de cada aluno, trouxemos apenas algumas imagens que demonstram a pluralidade de ideias e experiências existentes no Pedro II, e como essa diversidade contribuiu para a construção coletiva de saberes.

Dentro de nossa atual conjuntura, percebemos um reforço recorrente sobre as minorias a fim de “se curvarem, ou desaparecerem”. Esse fato não é inédito na história de nosso país, assim como a resistência também sempre precisou existir. Educar é um ato político, e se a escola é o início de nossa inserção na sociedade, é importante que haja e que se lute pela pluralidade social e cultural, e que essas diferenças sejam trabalhadas para que elas possam somar e construir novas formas de olhar para o espaço.

Bibliografia

- SANTOS, Milton.** Pensando o espaço do homem . São Paulo: Hucitec, 1982;
- SANTOS, M.** A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012
- MASSEY, Doreen.** Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p;
- MASSEY, Doreen.** Superando a visão romântica sobre o lugar. Entrevista revista Unissinos. Disponível em: <http://www.ihu.unissinos.br/noticias/515130-superando-avisao-romantica-sobre-o-lugar-entrevista-com-a-geografa-doreen-barbara-massey>. Acesso: em 19 de março de 2019.
- SANTOS, Milton.** Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.



SKLIAR, Carlos (2003). *Pedagogia (Improvável) da Diferença. E se o Outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.